

A PULSÃO DE MORTE EM FREUD: O PARADOXO DA VIDA

Sandra Lourenço CORRÊA¹

“Freud inventa novos conceitos. Não é pouco o que ele faz. Inventar conceitos é retirar o pensamento do nível da opinião e forçá-lo a ir além dos limites que lhe foram impostos anteriormente. E Freud é indiscutivelmente um inventor. Inventar um novo corpo e uma nova alma”. (GARCIA-ROZA, 1990, p. 9).

Resumo: O trabalho aqui desenvolvido é uma tentativa de percorrer os caminhos que levaram Freud à postulação do conceito de pulsão de morte, investigando, a princípio, a origem do conceito a partir da teoria da pulsão inserida em uma formalização geral que organiza, num sistema mais amplo, a interação dos processos psíquicos. Em seguida há a necessidade de investigar a hipótese de uma tendência primária do organismo à redução completa das tensões, onde Freud pretende dar conta do dualismo fundamental, traduzido na oposição entre as pulsões de vida e de morte, dos fenômenos da compulsão à repetição, da origem da agressividade, ressaltando a primazia da autoagressividade sobre a heteroagressividade. Apesar de o próprio Freud afirmar que essa noção era produto de uma especulação teórica e que, diante das manifestações silenciosas da pulsão de morte e de suas vicissitudes, encontrasse sérias dificuldades na investigação de sua existência, não há como negar a importância desse conceito para a análise do comportamento humano.

Palavras-chave: Pulsão. Sexualidade. Pulsão de morte. Masoquismo. Sadismo.

Mestre em Psicologia pela USP de Ribeirão Preto – Docente da FAC-FEA (Araçatuba/SP). Email: sandralcorrea@terra.com.br

A pulsão de morte é uma das noções mais controvertidas no pensamento freudiano. Esta teoria custou severas críticas à psicanálise, suscitou inúmeras dúvidas e provocou até mesmo o afastamento daqueles que eram considerados os maiores adeptos do pensamento freudiano.

Sedutora, traumatizante, a introdução forçada da pulsão de morte não podia senão suscitar, nos herdeiros de Freud, todas as variações possíveis de defesa: motivada recusa em alguns, aceitação puramente escolástica da noção e do dualismo éros-tanatos em outros; aceitação modificada e cortada de suas bases fisiológicas, da parte de Melaine Klein, e mais frequentemente ainda, a preterição ou o esquecimento completo da noção [...] (LAPLANCHE, 1985, p. 109).

A importância desse tema consiste em se considerar a noção de pulsão de morte como elemento básico para se compreender o corpo teórico da psicanálise, por se constituir em um marco para a delimitação da especificidade do discurso psicanalítico. As controvérsias em torno desta noção continuam existindo e sendo criadas na bibliografia psicanalítica, muitas vezes por não haver o cuidado necessário com o aspecto histórico que envolve a noção e, até mesmo na utilização de novos significados e reflexões não encontradas na experiência teórico-clínica de Freud. Sem dúvida os desdobramentos do conceito de pulsão de morte vieram ampliar os limites da psicanálise.

Laplanche afirma que “trata-se de um pensamento livre – no sentido de associações livres - pensamentos para ver, que implica em retornos, arrependimentos e desmentidos” (LAPLANCHE, 1985 p. 109). Diante da originalidade desse procedimento, onde as contradições fervilham e os deslizamentos dos conceitos vêm confundir as referências terminológicas é que se faz necessário o aprofundamento do estudo do conceito de pulsão de morte.

O conceito de pulsão surgiu pela primeira vez em 1905 na obra *Três ensaios sobre sexualidade*, onde Freud utilizou o termo “*trieb*”, fazendo claramente a distinção entre esse conceito e o de instinto, traduzido por

“*instinkt*”. Este termo utilizado por Freud possui significado diferente de “*instinkt*”. Porém, alguns autores traduziram “*trieb*” por “*instinkt*”, causando uma confusão terminológica não pretendida por Freud, mas realizada por James Strachey ao preferir traduzir “*trieb*” por “*instinct*”, em inglês. Os dois termos existem na língua alemã, sendo que “*trieb*” vem de “*trieben*”, que significa empurrar, enquanto “*instinkt*”, para Freud, designa um comportamento pré-fixado hereditariamente e que “se repete segundo as modalidades relativamente adaptadas a certo tipo de objeto” (LAPLANCHE, 1985, p. 18).

A construção teórica do conceito de pulsão se dá na descrição da sexualidade humana apresentada nos *Três ensaios*. É nos estudos das perversões e da sexualidade infantil que a noção de pulsão e suas características são descritas. Nessa obra Freud apresenta a noção de objeto da pulsão como sendo contingente e que varia ao longo do desenvolvimento humano. Refere-se, ainda, aos diversos alvos da pulsão e afirma que inicialmente são parcelares e:

[...] estreitamente dependentes de fontes somáticas; estas são igualmente múltiplas e suscetíveis de assumirem e conservarem para o indivíduo uma função predominante (zonas erógenas), pois que as pulsões parciais não se subordinam à zona genital e não se integram na realização do coito senão ao termo de uma evolução complexa que a maturidade biológica não chega para garantir (LAPLANCHE, 1983, p. 508).

Outra característica apresentada é o fator ativo da pulsão, sua pressão ou força. Mas é no texto de 1915, *Os instintos e suas vicissitudes*, que Freud apresentará uma definição de conjunto da pulsão, reunindo quatro dimensões desta: a fonte (“*quelle*”), a pressão, ou impulso (“*drang*”), o objeto (“*objekt*”) e o alvo (“*ziel*”). Nesse mesmo texto, Freud define a pulsão como sendo um “conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente [...]” (FREUD, 1915, p. 142). Há uma identificação da pulsão com o seu representante psíquico, e essa identificação é confirmada em um acréscimo feito em 1915, nos *Três ensaios*, onde ele afirma que “por

pulsão deve-se entender provisoriamente o representante psíquico de uma fonte endossomática” (FREUD, 1915, p. 171). Tal afirmação torna claro que a pulsão não é psíquica. A pulsão não pode representar o corpo no psiquismo por si mesmo, a não ser por intermédio de seus representantes psíquicos: o representante ideativo e o representante afetivo. Freud ainda acrescenta que embora para a pulsão o que é absolutamente decisivo é sua origem na fonte somática, dentro da vida anímica não nos é conhecida de outro modo que por suas metas, que é aquilo em, ou pelo qual ela pode alcançar a sua meta – a satisfação.

Freud (1915) faz uma exposição sistemática das quatro dimensões do conceito de pulsão. A primeira dimensão diz respeito à fonte da pulsão que é definida como sendo de origem somática, entendendo-se por “fonte somática” ou “fonte orgânica”, tanto o órgão de onde provém a excitação como o processo físico-químico que constitui essa excitação. Em outro acréscimo feito aos *Três ensaios*, Freud afirma que o “estudo do ato de sugar o dedo ou sugar sensual já nos deu as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Em sua origem ela se apoia em uma das funções somáticas vitais.” (FREUD, op.cit, 142). A questão da fonte da pulsão encontra resposta na noção de apoio, ou seja, a pulsão se apoia no instinto. Essa noção é a chave para a compreensão do conceito de pulsão, pois o que caracteriza o apoio é o fato das pulsões sexuais estarem ligadas, em sua origem, às pulsões de autoconservação. O exemplo mais expressivo dessa ligação é o da atividade do lactente, onde, paralelamente à satisfação decorrente da ingestão do alimento, dá-se a excitação dos lábios e da língua pelo peito, o que provoca outro tipo de satisfação que, apesar de apoiar-se na satisfação da necessidade instintiva, não é redutível a ela. Essa segunda satisfação é de natureza sexual. A noção de apoio representa um “momento de constituição de uma diferença [...]” (GARCIA-ROZA, 1984, p. 120).

Afirmar que a fonte da pulsão é o instinto não implica em estabelecer uma continuidade entre ambos, pois isto seria um reducionismo, afinal o que acontece é uma ruptura entre a pulsão e o instinto, sendo a primeira um desvio do segundo.

A segunda dimensão da pulsão, a pressão, refere-se ao fator quantitativo, ao caráter ativo da pulsão. Por pressão entende-se o aspecto

motor, a soma de força ou quantidade de exigência de trabalho por ela utilizada. É a pressão que impele o organismo na obtenção de satisfação pela eliminação da tensão. Essa definição diz respeito, em psicanálise, ao ponto de vista econômico, ou seja, à quantidade de excitação despendida pelo aparelho psíquico em seu funcionamento.

A terceira dimensão da pulsão, o alvo, é definida por Freud nos *Três ensaios* como o ato para o qual impele a pulsão. O alvo da pulsão será sempre a satisfação que, segundo Laplanche, “é o apaziguamento de uma certa tensão causada precisamente pelo ‘*drang*’” (LAPLANCHE, 1985, p. 19). O apaziguamento, que é o objetivo final da pulsão, é regido pelo princípio da constância. No plano do objetivo final, estão incluídos os objetivos específicos ligados à pulsão específica e aos objetivos intermediários. Freud, antes de teorizar sobre a sexualidade infantil, compreendia o objetivo da pulsão como análogo ao da busca de alimento na necessidade de nutrição. O objetivo, então, era o coito. Após os *Três ensaios*, com a investigação sobre sexualidade infantil e suas pulsões parciais, “a especificidade do objetivo passa a ser dependente tanto da fonte quanto do objeto [...]” (GARCIA-ROZA, op.cit.). Os objetivos intermediários, como sugere, são os que possibilitam alcançar o objetivo final. O objetivo da pulsão, de acordo com os textos freudianos, está remetido ao elemento objeto e ao elemento fonte. Aqui encontramos pontos de vistas diferentes entre os teóricos da psicanálise. Alguns se orientam no sentido de aproximarem o alvo da fonte, “fazendo do objetivo uma ação específica por apoio à fonte instintual” (LAPLANCHE, 1983, p. 407); isto torna a noção de objetivo muito empobrecida. Outro ponto de vista aproxima o alvo da pulsão à noção de objeto, tornando a teoria psicanalítica numa “teoria do objeto”, contrariando, dessa maneira, o ponto de vista econômico que implica em uma prevalência do objetivo sobre o objeto.

Essa questão vem a ser resolvida pela distinção entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação que, segundo Laplanche, é uma distinção que não deve conter uma oposição muito rigorosa de acordo com o estatuto do seu objeto, que é “contingente num caso e rigorosamente determinado e especificado biologicamente no outro” (LAPLANCHE, 1983, p. 408). Afinal, as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões de autoconservação, inicialmente;

isto quer dizer que as pulsões sexuais teriam objetos menos específicos, seriam contingentes, por serem regidos pelas fantasias, enquanto as pulsões de autoconservação teriam objetos mais específicos devido às exigências das necessidades vitais.

Em relação à quarta dimensão da pulsão - o objeto, Freud afirma que “objeto da pulsão é aquilo em que ou por que a pulsão pode atingir o seu alvo” (FREUD, 1915, p. 143). Freud faz uma distinção entre objeto e alvo, e assinala que o objeto é o elemento mais variável da pulsão, pois não está associado a ela originariamente, vindo a se ligar a ela em função de sua “aptidão” para permitir a satisfação. Isto não quer dizer que qualquer objeto possa trazer satisfação, mas que irá depender da evolução (histórica) sexual de cada indivíduo.

O objeto em psicanálise não está identificado a um objeto concreto, a uma objetividade no sentido científico do termo, utilizada pela teoria do conhecimento, onde apresenta características fixas e que se opõe à ordem subjetiva. O objeto da pulsão é um objeto fantasmático relacionado à noção de desejo. Mas isso não significa que um objeto não possa ser real, uma pessoa ou a própria, como também partes de seu corpo. Inicialmente, nos *Três ensaios*, Freud declara que o objeto sexual seria uma pessoa que exerce atração sexual. Porém, mais adiante no texto, na análise das aberrações sexuais, Freud inverte esse ponto de vista declarando:

Estamos agora prevenidos contra o erro que cometemos ao estabelecer elos estreitos demais entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência nos ensina, nos casos que consideramos anormais, que existe entre a pulsão e o objeto sexual uma sutura que corremos o risco de não perceber na vida sexual normal, onde a pulsão parece já conter nela própria seu objeto. Isso nos obriga a dissociar até certo ponto a pulsão e objeto. O que leva a crer que a pulsão sexual existe primeiramente independente de seu objeto, e que seu aparecimento não é determinado por excitações vindas do dele (FREUD, 1905, p. 46-47).

Assim sendo, o objeto freudiano perde, ou não tem nenhuma especificidade, pois pode ser uma pessoa total, como pode ser um objeto parcial (seio, pênis...), ou ainda “[...] muitos outros elementos em relação à vivência corporal (excremento, criança...) que tem em comum a característica fundamental de serem, realmente ou fantasmaticamente, separados ou separáveis” (LAPLANCHE, 1985, p. 20). Enfim, o objeto tanto pode ser real quanto fantasmático pois, de acordo com Freud, ele é o que há de mais variável na pulsão.

Outro aspecto dessa dimensão se refere à noção de objeto no sentido objetual, onde não haveria um objeto parcial, mas sim uma pessoa total que seria amada ou odiada. Na sexualidade infantil, na fase pré-genital da libido, a relação objetual é auto-erótica, sendo seu objeto parcial. Na fase genital, onde é feita uma escolha de objeto, esse já não é mais parcial, mas uma pessoa total. Laplanche assinala que Freud prefere usar a expressão “escolha de objeto” para designar a relação da pessoa com os seus objetos de amor, que são pessoas totais.

Como já foi mencionado, a obra freudiana é marcada por dualismos de vários níveis e segundo Laplanche a articulação dos dois níveis, o nível tópico e o nível econômico-dinâmico (nível das pulsões), “é muito difícil de estabelecer, pois uma determinada instância, parte dominante do conflito, não corresponde necessariamente a um tipo específico de pulsões” (LAPLANCHE, 1983, p. 132).

No quadro da primeira teoria metapsicológica, o conflito se daria entre as instâncias, onde os sistemas Pcs/Cs estariam separados do sistema Ics pela censura. Esse conflito pode ser representado pelo dualismo entre os princípios de prazer e de realidade, sendo que para Freud a sexualidade seria regida pelo primeiro, e a instância recalcadora, que representa as aspirações éticas e estéticas do ego, seria regida pelo segundo princípio. As pulsões sexuais visariam à satisfação e seriam regidas pelo princípio de prazer, enquanto as pulsões do ego visariam à autoconservação e seriam regidas pelo princípio de realidade.

Porém surge uma questão em relação a esse dualismo. O problema é saber se podemos usar o mesmo termo “*trieb*” para designar

tanto as pulsões sexuais quanto às de autoconservação de modo diferente da anterior. No artigo *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, de 1910, Freud introduz a noção de pulsão do ego e esclarece quanto à natureza desses dois grupos de pulsões. As pulsões, nesse artigo, não procedem do ego, mas investem o ego que é definido como um grupo de representações (FREUD, 1910).

A ambiguidade causada pela expressão “pulsões do ego” será dissipada na introdução da noção de narcisismo.

Segundo Laplanche, no Vocabulário da Psicanálise, o dualismo entre pulsões sexuais e as do ego não caducou imediatamente com a introdução da noção de narcisismo. No artigo de Freud *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de 1914, as pulsões de autoconservação continuam opostas às pulsões sexuais, mas com a seguinte distinção: as pulsões sexuais poderiam investir num objeto exterior, e este tipo de investimento seria denominado de libido objetal, ou poderiam investir no próprio ego, que seria chamado de libido narcísica. A oposição passa então a ser em referência ao objeto de investimento e não em relação à natureza da energia. As pulsões de autoconservação são consideradas como um caso específico de amor a si mesmo ou libido do ego. Desse modo, Freud foi se aproximando cada vez mais de uma teoria monista da energia pulsional, já que a pulsão sexual seria a pulsão por excelência. Porém, quando Freud estava quase por aceitar o monismo pulsional proposto por Jung, ele afirma um novo dualismo fundamental, entre as pulsões de vida e pulsões de morte.

A introdução desse novo dualismo pulsional é realizada em 1920 no artigo *Além do princípio de prazer* e será sustentado por Freud até o final de sua obra. Esse texto é escrito de forma ousada e declaradamente considerada por Freud como sendo uma especulação teórica. Freud resolve a questão do monismo contrapondo pulsões de vida e as de morte. No quadro da segunda teoria, Freud deixará de falar de pulsões do ego, pois essas, juntamente com as pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, serão assimiladas à pulsão de vida. A característica principal das pulsões de vida é a tendência em não apenas conservarem as unidades vitais existentes, mas como constituírem unidades mais englobantes. Quanto às pulsões de morte, essas

são entendidas como uma tendência de todo o ser vivo para retornar ao estado anorgânico, e isto significa uma tendência para a redução completa das tensões. Ao contrário das pulsões de vida, elas não visam à unidade vital, mas, sim, a sua destruição.

Para compreensão dessa teoria é necessário que sejam explicados os dois modos de funcionamento do aparelho psíquico: processo primário e processo secundário. O processo primário, do ponto de vista da primeira tópica, caracteriza o sistema inconsciente, e do ponto de vista econômico-dinâmico, a energia psíquica escoia livremente para a descarga de maneira mais rápida e direta possível. O processo secundário, do ponto de vista tópico, corresponde ao modo de funcionamento dos sistemas pré-consciente e consciente, e do ponto de vista econômico-dinâmico caracteriza-se pelo controle da energia que escoia pelo aparelho, diz-se energia ligada. Assim, de acordo com Garcia-Roza, o processo secundário resulta de uma modificação do processo primário e “se constitui a partir de um desvio daquele, e em última instância, está a seu serviço” (GARCIA-ROZA, 1984, p. 133).

A oposição existente entre esses dois processos é correlativa à oposição entre princípios de prazer e de realidade. Dessa forma, o princípio de prazer busca a satisfação evitando, assim, o desprazer, enquanto que é o princípio de realidade, como princípio regulador, que atuará como evitador de frustração causada pela busca de satisfação do princípio de prazer, satisfação essa que é alucinatória, apesar de permitir que ocorra dentro de um certo limite. O princípio de realidade permite a distinção entre o que é alucinado e o que é percebido no meio físico e social. Porém, o princípio de realidade não domina o princípio de prazer como parece, tanto é que Freud faz a seguinte afirmação em um trecho do artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*:

Na realidade a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar, mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro (FREUD, 1911, p. 283)

Mas em *Além do princípio de prazer*, de 1920, Freud conclui que “não há uma dominância pura e simples do princípio de prazer sobre os processos psíquicos e que, se tal dominância existisse, a maioria dos processos deveria ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, o que é contradito pela experiência cotidiana” (FREUD, 1920, p. 18).

Diante de tal concepção Freud, no artigo de 1920, vai buscar, ao relatar alguns fenômenos, o verdadeiro opositor do princípio de prazer. O primeiro fenômeno que Freud se refere é o do sonho, que ocorre nas neuroses traumáticas: “Ora, os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas possuem a característica de repetidamente trazer o paciente de volta à situação de seu acidente, numa situação da qual acorda em outro susto” (FREUD, 1920, p. 22).

Além da referência aos sonhos, Freud examina a forma como o aparelho psíquico funciona em uma de suas primeiras atividades normais, descrevendo uma brincadeira de criança. Ele relata a observação que fez de um garotinho de um ano e meio, quando este brincava. Inclusive acompanhou a brincadeira por algum tempo na casa do próprio menino, até entender o significado da brincadeira. Esta consistia em jogar os objetos e atirá-los longe, enquanto isto pronunciava o som “ó-ó-ó-ó” e ao apanhá-los pronunciava um alegre “da”. Freud, juntamente com a mãe da criança, concluiu que “ó-ó-ó-ó” significava “fort”, que no alemão significa “ir embora”, e que “da” significava “ali”. Freud deduziu que o menino brincava de “desaparecimento” e “retorno” dos objetos. Essa interpretação foi confirmada quando Freud observou outra brincadeira do menino que era de lançar um carretel de madeira amarrado com um pedaço de barbante. Ao jogar o carretel para que esse desaparecesse, o menino exclamava “da”. Essa brincadeira era repetida várias vezes. Freud concluiu que a brincadeira era uma tentativa de representar as saídas e os retornos da mãe. A criança exercitava um duplo movimento de deslocamentos: primeiro, da mãe para o carretel e, em seguida, do carretel para a linguagem. A criança, então, fazia com que as “forças pulsionais” fossem controladas pelo processo secundário, já que não protestava quando a mãe ia embora. Isto implicava em uma renúncia pulsional.

Porém, não é ainda através desse fenômeno que será percebido um “além do princípio de prazer”, pois a repetição da brincadeira, que representa uma experiência desagradável, obedece, em última instância, ao princípio de

prazer, pois “[...] é exatamente para superar e dominar o desprazer, que ela transporta para o plano simbólico a saída e a volta da mãe” (GARCIA-ROZA, 1984, p. 132).

Outro fenômeno analisado por Freud nesse texto é o da compulsão à repetição, sendo nessa análise concluído a possibilidade de um “além do princípio de prazer”. A compulsão à repetição se refere ao comportamento dos pacientes que “reproduziam” durante o tratamento, na transferência, todas as situações indesejadas, desagradáveis e emoções penosas, revivendo-as com muita engenhosidade. Ao invés dos pacientes apenas recordarem essas situações, situando-as no passado, eles viviam essas situações no presente. Esse tipo de comportamento, Freud denomina de “neurose de transferência” e que deve ocorrer para que o tratamento possa prosseguir. Continuando sua análise, Freud faz referência a hipótese, já conhecida por ele, de que aquilo que pode ser prazer para um sistema psíquico pode não ser para um outro sistema. Porém, no caso da compulsão à repetição, que foi descrita como um componente das primeiras atividades da vida mental infantil, e que também se apresenta nos eventos do tratamento psicanalítico, Freud não duvida de sua natureza pulsional e, quando atua em oposição ao princípio de prazer, dá a aparência de alguma força “demoníaca” em ação (FREUD, 1920, p. 50).

Mais adiante, no texto, Freud se interroga: “mas como o predicado de ser pulsional se relaciona com a compulsão à repetição?”. E pela primeira vez, ao dar a resposta a essa questão apresenta um atributo universal da pulsão, declarando a possibilidade da pulsão ser um impulso, inerente à vida orgânica, que tende para a restauração de um estado anterior das coisas. Mas, ao apresentar a pulsão como tendo uma natureza conservadora, Freud contradiz a tese anterior de que a pulsão tinha um elemento impelidor para a mudança. Esse paradoxo leva Freud a concluir que se a pulsão é realmente conservadora, a mudança deve ser atribuída a fatores externos que podem desviar a pulsão de seu destino, ou seja, o de manter indefinidamente o mesmo estado de coisas (GARCIA-ROZA, 1984, p. 136). Sobre isso Freud escreve:

Os atributos da vida foram, em determinada ocasião, evocados na matéria inanimada pela ação de uma força de cuja natureza não podemos formar concepção.

Pode ter sido um processo de tipo semelhante ao que posteriormente provocou o desenvolvimento da consciência num estrato particular da matéria viva. A tensão que então surgiu no que até aí fora uma substância inanimada, se esforçou por neutralizar-se e, dessa maneira, surgiu a primeira pulsão: a pulsão a retornar ao estado inanimado (FREUD, 1920, p. 54).

A pulsão, então, seria essencialmente conservadora, tendendo sempre a repetir o estado inicial, o inorgânico, do qual o ser vivo se afastou por motivos externos. A vida, portanto, seria uma tentativa de retorno ao estado original inorgânico e é por isso que Freud afirma que o objetivo de toda a vida é a morte. A tendência ao retorno ao inanimado é interna ao ser vivo, ou seja, todo ser vivo morre necessariamente por causas internas. Freud ao escrever que a vida surgiu por causa de fatores externos, acrescentará que uma vez isto tendo ocorrido, o organismo desejará morrer apenas do seu próprio modo, afastando todos os modos possíveis de retornar ao inorgânico que não sejam os iminentes ao próprio organismo. A pulsão de morte representa esta tendência fundamental de todo o ser vivente para retornar ao estado de equilíbrio original, ao inorgânico, enquanto a pulsão de vida representa o esforço empreendido pelo organismo para que esse objetivo se realize.

As pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, que são denominadas pulsões de vida, garantiriam ao organismo seguir seu próprio caminho para a morte de forma natural. As pulsões sexuais agiriam no sentido de garantir a mesmidade do organismo e as pulsões de autoconservação garantiriam sua preservação para que seus agentes externos não venham a ser os responsáveis pela morte. No artigo de 1920, Freud declara que as pulsões sexuais são as verdadeiras pulsões de vida, pois elas garantem a imortalidade do ser vivo através da reprodução, essas seriam responsáveis pela manutenção do caminho para a morte. Essa distinção é importante, já que reforça a teoria dualística, pois as pulsões de vida poderiam ser compreendidas como tendo a função de manter o caminho para a morte, sendo assim, essas estariam a serviço das pulsões de morte e não haveria dualismo entre elas.

O dualismo entre pulsão de vida e de morte oferecerá novas descobertas e reformulações na teoria psicanalítica como, por exemplo, na teoria do masoquismo e do sadismo. Sobre isto Laplanche ressalta:

As pulsões de morte aparecem, pois, na conceptualização freudiana, como um tipo inteiramente novo de pulsões, que não tinham lugar nas classificações precedentes (o sadismo e o masoquismo, por exemplo, eram explicados por um funcionamento complexo de pulsões de objetivo absolutamente positivo), mas, ao mesmo tempo, Freud vê nelas as pulsões por excelência, na medida em que nelas se realiza de forma iminente o caráter repetitivo da pulsão (LAPLANCHE, 1983, p. 529-30).

Uma importante afirmação de Laplanche quanto ao encaminhamento teórico da pulsão de morte e sua trajetória até se constituir como conceito fundamental na obra psicanalítica é feita no artigo *Vida e morte em psicanálise*, onde afirma o seguinte:

É certo que antes de 1920, não somente a pulsão de agressão não aparece (exceto para ser criticada, quando Adler emite a hipótese de sua existência), mas o próprio termo agressividade está praticamente ausente. Não reconhecer a existência de uma pulsão de agressão não significa, contudo, necessariamente, negligenciar a teoria da agressividade, do sadomasoquismo e do ódio: teoria que está explicitamente desenvolvida, sobretudo em “Os instintos e suas vicissitudes” (LAPLANCHE, 1985, p. 90).

Freud, em seu artigo *Os instintos e suas vicissitudes*, de 1915, analisa as modificações da pulsão quanto ao seu alvo e seu objeto, e os dois destinos que realmente nos interessam aqui nesse trabalho: o sadismo e o masoquismo. Os destinos da pulsão são, segundo Freud, modalidades de defesa, já que a pulsão não pode se dar de forma direta e imediata devido à censura exercida sobre ela. Os dois representantes psíquicos da pulsão são o ideativo e o afetivo, mas o segundo tem mecanismos e destinos diferentes do primeiro. Por isso serão tratados aqui apenas os destinos do representante ideativo. O sadismo e o masoquismo são destinos vizinhos que se alteram como no caso

de uma transposição ao contrário ou em um retorno sobre a própria pessoa. A transposição ao contrário refere-se tanto à mudança de objetivo, ativo para passivo, como de conteúdo, que tem como maior exemplo a transformação de amor em ódio. Quanto ao retorno sobre a própria pessoa, refere-se à mudança do objeto da pulsão, enquanto o objetivo permanece inalterado. O objeto pode ser trocado podendo um objeto externo passar a ser objeto interno, no caso o próprio ego.

De acordo com Laplanche, o texto de 1915 oferece “[...] uma série de aproximação e de esquema que não se anulam uns aos outros, mas vêm, pouco a pouco, completar a imagem de uma estrutura genética comum” (LAPLANCHE, 1985, p. 92).

As etapas do sadismo e do masoquismo são:

1ª - Uma atividade de intensa violência e de poder que se manifesta em direção a uma outra pessoa tomada como objeto. Essa atividade é chamada de sadismo.

2ª - Na segunda fase ocorre uma mudança de objeto e de objetivo. O objetivo é substituído pelo próprio eu (autoagressão). Quanto ao objetivo, deixa de ser ativo para se tornar passivo.

3ª - No masoquismo passivo há uma transformação do alvo ativo em alvo passivo, o que implica em procurar outra pessoa como objeto (“objeto da pulsão, mas sujeito da ação”).

Laplanche afirma que na primeira etapa a sexualidade ainda não está em jogo. É na segunda etapa, onde há um retorno da agressividade para o próprio eu (autoagressão), que surge o componente sexual. Nesse sentido, a emergência da sexualidade estará sempre associada ao tempo “auto”. A segunda e a terceira etapas não se confundem, já que é possível haver um retorno da agressão para o eu sem, contudo, haver inversão da atividade para a passividade.

É importante ressaltar que nunca há um esgotamento total de um dos opostos, pois como afirma Freud nos *Três ensaios*, um sádico é sempre ao mesmo tempo um masoquista, o que não impede que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa predominar e caracterizar a atividade sexual que prevalece. O sádico, ao provocar dor em outra pessoa, goza de maneira masoquista por causa da identificação com o objeto que sofre. No masoquismo

ocorre que: “O ego passivo coloca-se fantasmaticamente no seu lugar precedente, lugar agora cedido ao indivíduo estranho” (FREUD, 1915, p. 128). Assim, Freud assinala o papel da identificação com o outro na fantasia, que também ocorre com o exibicionista que goza com o olhar do outro.

Ainda na análise feita em *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud fala de ambivalência a propósito do par de opostos atividade-passividade, onde a moção pulsional ativa coexiste com a moção pulsional passiva (FREUD, 1915, p. 131), e acrescenta que a ambivalência fica mais nítida na oposição material amor-ódio. O amor admite três opostos: amar-odiar; amar-ser amado; amar-odiar/indiferença. Segundo Garcia-Roza, essas três polaridades nos remetem a outras três polaridades que regem não só as formas de oposição do amar, mas, também, todo o funcionamento mental (GARCIA-ROZA, 1984, p. 129).

Sobre essas polaridades, Freud diz o seguinte:

Podemos resumir dizendo que o traço essencial das vicissitudes sofridas pelas pulsões está na sujeição dos impulsos pulsionais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental. Dessas três polaridades podemos descrever a da **atividade-passividade** como a biológica, a do **ego-mundo externo** como a real, e finalmente a do **prazer-desprazer** como a polaridade econômica (FREUD, 1915, p. 162).

No período narcísico do desenvolvimento sexual do indivíduo, a satisfação é autoerótica e a libido está voltada para o próprio ego, não importando o mundo externo. Essa fase corresponde à primeira forma de oposição para o amor: “a do amor-ser indiferente, na qual o sujeito do ego coincide com o prazer e o mundo externo com o indiferente” (GARCIA-ROZA, 1984, p. 130).

É importante sublinhar que Freud faz uma distinção entre ego-realidade e ego-prazer. A oposição entre esses termos é proposta por Freud em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, de 1911, e está relacionada à mesma oposição existente entre princípio de prazer

e princípio de realidade. Assim sendo, o ego-prazer é regido pelo princípio de prazer e o ego-realidade pelo princípio de realidade. As pulsões do ego que funcionam segundo o princípio de prazer irão se submeter progressivamente ao princípio de realidade, supondo, desse modo, que o ego-prazer seja primário em relação ao ego-realidade. Porém, em *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud fará uma apresentação desses termos de maneira inversa à proposta do texto anterior, pois ele afirmará justamente o contrário. A sucessão seria composta de três momentos. No primeiro momento existiria um ego-realidade do início (original), anterior ao ego-prazer que corresponde a um segundo momento. O ego-realidade definitivo (final) corresponde a um terceiro momento, “[...] aquele em que o sujeito procura reencontrar no exterior um objeto real correspondente à representação do objeto primitivamente satisfatório e perdido [...]” (LAPLANCHE, 1983, p. 193).

Essas considerações são importantes, pois se referem à gênese da relação do sujeito com o mundo externo e de seu acesso à realidade. O ego funcionaria através de duas operações: introjeção e projeção, sendo “por exigência do princípio de prazer que o ego é obrigado a introjetar os objetos do mundo externo que se constituem em fonte de prazer e a projetar sobre o mundo externo aquilo que dentro de si mesmo é causa de desprazer” (GARCIA-ROZA, 1984, p. 130).

Essas definições nos servirão para compreender melhor a dinâmica do sadomasoquismo. Quanto a essa dinâmica, é necessário explicarmos melhor a relação dos pares de opostos voyerismo-exibicionismo e sadismo-masoquismo enquanto referidos ao narcisismo - “tempo auto”. Na primeira teoria esboçada em *Os instintos e suas vicissitudes*, o sadismo é anterior ao masoquismo (sadismo originário). Quanto ao masoquismo, esse seria um sadismo voltado contra a própria pessoa. Portanto, haveria um sadismo narcisista inicial que estaria na origem do masoquismo, não havendo, então, um masoquismo primário não derivado do sadismo (GARCIA-ROZA, op.cit. 131).

Mas Freud, em 1924, no artigo *O problema econômico do masoquismo*, após ter formulado o dualismo entre pulsões de vida e pulsões de morte, afirmará exatamente o contrário, ou seja, postulará a existência de

um masoquismo original. Essa postulação é feita através da introdução da pulsão de morte em *Além do princípio de prazer*. Segundo Laplanche, em um primeiro momento, momento esse considerado mítico, a pulsão de morte se volta para o próprio indivíduo, porém, não se constituindo, ainda, naquilo que Freud designou como masoquismo primário. Freud em *O problema econômico do masoquismo*, confere à libido a capacidade de direcionar grande parte da pulsão de morte para o mundo externo, fazendo a seguinte afirmação que auxilia na compreensão desse processo:

Uma parte desta pulsão é posta diretamente ao serviço da pulsão sexual onde seu papel é importante. É isso o sadismo propriamente dito. Outra parte não acompanha este desvio para o exterior, permanece no organismo onde é libidinalmente ligada ao auxílio da excitação sexual de que é acompanhada [...] reconhecemos aqui o masoquismo originário, erógeno. (FREUD, 1924, p. 376)

O masoquismo primário é um estado em que a pulsão de morte está ainda dirigida para o próprio sujeito, porém ligada à libido e fundida com ela. Trata-se de um momento em que a agressividade não estaria voltada para um objeto externo, e que se distingue de uma etapa posterior, o masoquismo secundário, onde há um retorno do sadismo sobre o próprio indivíduo, se juntando ao masoquismo primário (LAPLANCHE, 1983, p. 354). Laplanche ainda acrescenta que o masoquismo irreduzível só pode ser admitido por Freud após postular a hipótese da pulsão de morte.

A pulsão de morte pode se expressar de várias maneiras, por isso é melhor colocá-la no plural: pulsões de morte, como o próprio Freud sugere. Uma dessas expressões é a agressividade ou destrutividade, que caracteriza o sadomasoquismo, onde se observa que parte da destrutividade é desviada para o exterior, através da musculatura, e a outra parte permanece no interior do organismo, como se fosse um resíduo, constituindo o masoquismo primário. Os termos *fusão* e *des fusão* são úteis para a compreensão desse fenômeno. Os dois termos são usados por Freud em 1920 na descrição da

relação das pulsões de vida e de morte e como elas se manifestam. As duas pulsões podem estar misturadas em proporções variáveis. Desse modo, a *fusão* corresponderia a esta mistura, enquanto que a *des fusão* corresponderia ao funcionamento quase que separado dessas duas pulsões, onde cada uma tentaria atingir seu objetivo independente uma da outra.

Para Freud a libido consistiria em um fator de ligação (*fusão*) e a agressividade, pelo contrário, tende por si mesma a dissolver as relações (*des fusão*). Laplanche observa que, “quanto maior for o predomínio da agressividade, mais a fusão pulsional tende a desintegrar-se: inversamente, quanto mais a libido prevalecer, mais se realizará a fusão” (LAPLANCHE, 1983, p. 268).

No masoquismo primário haveria a fusão da pulsão destrutiva com a pulsão sexual. Como se trata de uma mistura, pode-se afirmar que essa admite uma proporção e por isso Freud declara que as alterações resultantes dessas proporções podem se manifestar, por exemplo, no caso de um excedente de agressividade sexual tornar uma pessoa apaixonada em assassino sádico, enquanto uma diminuição da agressividade pode torná-lo tímido ou impotente (FREUD, 1924, p. 174). É importante acrescentar que a *des fusão* jamais aparece em sua forma plena, total, onde as duas pulsões funcionam completamente independentes.

Em *O problema econômico do masoquismo* , de 1924, Freud afirma:

Nos seres pluricelulares a libido depara com a pulsão de morte ou destrutiva que neles domina e que tende a desintegrar este organismo celular e a levar cada organismo elementar (cada célula) ao estado de estabilidade anorgânica... ela tem por missão tornar inofensiva esta pulsão destrutiva e desembaraçar-se dela fazendo-a derivar em grande parte para o exterior, dirigindo-a contra os objetos do mundo exterior, em breve com o auxílio de um sistema orgânico especial, a musculatura. Esta pulsão chama-se, então, pulsão destrutiva, pulsão de dominação, vontade de poder. Uma parte desta pulsão é posta diretamente ao serviço

da função sexual, onde tem um papel importante a cumprir. É o sadismo propriamente dito. Outra parte não segue este deslocamento para o exterior; permanece no organismo, onde está ligada libidinalmente... é nela que devemos reconhecer o masoquismo originário, erógeno (FREUD, 1924, p. 163-4).

Mas o que ainda nos intriga é o porquê da postulação desse conceito. A princípio, o que levou Freud a propor a existência da pulsão de morte foi um fenômeno clinicamente observado: a compulsão à repetição. Esse fenômeno foi a primeira manifestação da pulsão de morte apontada por Freud e encontrava sua justificativa no fato de contrariar o princípio de prazer, ou melhor, Freud afirma que essa manifestação remetia para um *além do princípio de prazer*, justamente por não encontrar sua justificativa no princípio de prazer e no fato de nenhuma das instâncias psíquicas parecer se beneficiar dela. A psicanálise, em toda a sua história, sempre se confrontou com os fenômenos de repetição como nos rituais obsessivos, ou nas reproduções de forma disfarçada de conflitos passados e nos fenômenos transferenciais, que surgem durante o tratamento psicanalítico. Freud identifica nesses fenômenos o sinal do “demoníaco”, uma força irredutível independente do princípio de prazer e capaz de se opor a ele. É a partir desse fenômeno que Freud constata o caráter regressivo da pulsão, concluindo que a pulsão de morte é a pulsão por excelência.

O conceito de pulsão de morte é uma tentativa de formalização de uma teoria geral que organiza, num sistema mais vasto, a interação dos processos psíquicos. Baseada na hipótese de uma tendência primária do organismo à redução completa das tensões, pretende dar conta do dualismo fundamental, da tendência da compulsão à repetição, da origem da agressividade e primazia da autoagressividade sobre a heteroagressividade. Todos esses fatos surgem para Freud como dados cada vez mais importantes em sua clínica e que exigem novas explicações e remanejamentos teóricos. No que se refere aos remanejamentos feitos na teoria, não se pode interpretar que se trate de uma nova descoberta adicionada à teoria de forma cumulativa à descoberta da sexualidade. Laplanche interpreta a introdução do conceito de morte na

teoria psicanalítica como um aprofundamento que segue um movimento histórico que vai desde a primazia da sexualidade, entre 1914 e 1915, enquanto única e verdadeira pulsão; até a sexualidade, entre 1915 e 1918, enquanto investida no objeto e no ego; até a virada de 1920, quando foi proposto o aspecto desligado da pulsão. Eis o novo reagrupamento das pulsões que colocam na base do funcionamento psíquico a dinâmica entre as pulsões de vida e as de morte. A luta constante entre EROS e TANATOS.

Como já foi mencionado, a compulsão à repetição, no artigo de 1920, coloca em xeque o princípio de prazer e, conseqüentemente, Freud tem dificuldades em situar a pulsão de morte em relação aos princípios de prazer e de constância. O princípio de prazer se divide em duas tendências que são contraditórias, a saber, o princípio de inércia (zero), que mais tarde será chamado princípio de Nirvana, e princípio de constância que é o regulador do aparelho psíquico. A questão é que depois de *Além do princípio de prazer*, definir-se-á melhor o princípio de prazer, distinguindo, assim, a tendência para a redução absoluta e a tendência para a constância, que até então eram equivalentes.

Quando o princípio de prazer significa redução absoluta das tensões, diz-se que está a serviço da pulsão de morte, quando a tendência ao zero absoluto é designada como princípio de Nirvana, o princípio do prazer distingue-se dele e é confundido com o princípio de constância: representa então a exigência das pulsões de vida, na sua tendência a homeostase e à síntese (GREEN, 1988, p. 24).

As duas tendências que Freud apresenta - tendência para a descarga completa e a tendência para a homeostase, se mostravam confusas diante das formulações que ele fez sobre o princípio de prazer em seu percurso teórico. Porém, desde o *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, Freud as diferencia ao se referir a um princípio de inércia e ao apresentar sua alteração numa tendência para a manutenção da homeostase. Nesse artigo Freud declara, em relação ao princípio de inércia neurônica, que os neurônios

visam a se liberar da quantidade de energia. Esse princípio é anunciado como tendência ao zero de excitação, e, mais tarde, será chamado de princípio de Nirvana. De acordo com Laplanche (1985), esse princípio zero apresentado no *Projeto*, está sempre referido às noções de energia livre, de processo primário e ao princípio de prazer (ou desprazer), que tende pelas vias mais curtas à descarga de excitação. O princípio de constância não aparece no texto quando se faz a definição do prazer-desprazer no aparelho psíquico. Laplanche afirma que isto não quer dizer que o princípio de constância não estivesse presente na primeira elaboração freudiana, “[...] mas ocupa uma outra posição na qual se opõe ao processo primário. A noção de constância é introduzida secundariamente como uma adaptação em razão da necessidade da vida, do princípio de inércia [...]” (LAPLANCHE, 1985, p. 119).

Assim sendo, o princípio de constância, mesmo que, implicitamente, seja associado à energia ligada e ao processo secundário, corresponde ao aparecimento do ego. Em *Além do princípio de prazer*, Freud continuará a dar prioridade ao princípio zero, mas denominando-o princípio de Nirvana. Nesse artigo, Freud apresentará o princípio de prazer juntamente com sua modificação em princípio de realidade; nesse sentido, o princípio de prazer ficará situado ao lado do princípio de constância. Quanto à forma mais radical do princípio de prazer, ou seja, o seu “outro lado”, o princípio de Nirvana reafirmará a prioridade da tendência ao zero absoluto. É importante ressaltar que a questão da introdução do “zero” na vida, ou seja, a hipótese de dedução do “vivo” a partir dele, tem respaldo na própria evolução do pensamento psicanalítico. A distinção entre as duas tendências continuou a ser feita na obra freudiana na medida em que estas estão relacionadas a dois modos de funcionamento psíquico: o processo primário e o processo secundário. O princípio de Nirvana está relacionado ao processo primário que tem como característica a energia livre, enquanto o princípio de constância corresponde ao processo secundário que possui a energia ligada como característica.

O estudo dos pares antitéticos, como o sadismo-masoquismo, fez com que a teoria sofresse algumas mudanças. Em 1915, em *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud relacionava o sadismo às pulsões do ego, e afirmava que o ódio tinha uma relação com os objetos mais antiga que o amor (FREUD,

1915, p. 139). Com a introdução da noção de narcisismo, a oposição que existia entre as pulsões sexuais e pulsões do ego vai sendo substituída pela libido narcísica e libido objetal, conduzindo, assim, a um monismo pulsional. O ódio inserido nesta perspectiva monista causa dificuldade para Freud, até que, em 1915, o masoquismo primário passa a ter um valor teórico muito importante e conduz Freud a deduzir um novo dualismo pulsional entre pulsões de vida e de morte.

Freud definiu a pulsão de morte, no artigo de 1920, como uma tendência fundamental de todo ser vivo para retornar ao estado anorgânico. A pulsão de morte está estreitamente relacionada com a noção de princípio zero ou de Nirvana, já que é uma tendência para eliminação total da excitação pelas vias mais curtas.

As pulsões de vida e as pulsões de morte não são simétricas. Elas estão em oposição no que se refere ao funcionamento energético, alvo, em sua maneira de relacionar-se com o ego e no que se refere ao seu objeto-fonte. Laplanche distingue as pulsões sexuais de vida e pulsões sexuais de morte da seguinte forma:

As pulsões sexuais de vida funcionam segundo o princípio da energia ligada (princípio de constância); seu fim é a síntese, a manutenção ou a constituição de unidades e de laços; são conformes ao eu; seu objeto-fonte é um objeto total, regulador. As pulsões sexuais de morte funcionam segundo o princípio da energia livre (princípio do zero); seu fim é a descarga pulsional total, ao preço do aniquilamento do objeto; são hostis ao eu que tentam desestabilizar; seu objeto-fonte é um aspecto clivado, unilateral, um indício de objeto (GREEN, 1988, p. 27).

Laplanche complementa essa questão afirmando que a oposição entre as duas modalidades de pulsão sexual, só poderia ser concebida a partir de uma energia libidinal comum que implicaria em uma relação entre o processo primário e secundário. Contudo, persistiria uma assimetria fundamental: “[...] a

pulsão de vida tendendo à união entre ela mesma e o princípio de desunião; a pulsão de morte tendendo à desunião, tanto de sua união com a pulsão de vida como da própria pulsão de vida (GREEN, 1988, p. 27).

A questão da existência de uma energia libidinal comum entre as duas pulsões traz em si novamente o perigo do monismo. Quanto a esse aspecto, Garcia-Roza comenta que:

[...] antes da diferenciação pulsão sexual – pulsão de morte, não podemos, a rigor, falar de pulsão. Não há esse antes, ele só se dá ao nível de nossa metáfora, e supor a existência desse momento fora do tempo, fora da ordem, fora do pensável é algo que se reduz a um nome apenas: pulsão (GARCIA-ROZA, 1986, p. 57).

O que Garcia-Roza afirma é que a pulsão sexual e a pulsão de morte se encontram sempre juntas desde o início do desenvolvimento humano. Essa teoria se encontra em *Além do princípio de prazer*, onde Freud declara que suas especulações sugerem que Eros está presente desde o início da vida e que se apresenta como pulsão de vida em oposição à pulsão de morte. Porém, segundo Laplanche, podemos ver a ação da pulsão de morte em seu estado puro, ou seja, quando tende a desfundir-se da pulsão de vida no caso da melancolia, por exemplo, onde o superego surge como uma cultura da pulsão de morte. Freud descreve o modo de funcionamento combinado das pulsões de vida e pulsões de morte em sua forma sádica e em sua forma masoquista. Essa descrição, como já foi dito, passou por algumas modificações principalmente em relação ao reconhecimento do valor do masoquismo primário na construção da sexualidade humana. É somente após a introdução do conceito de pulsão de morte que Freud concederá prioridade ao “tempo auto”.

O que se afirma aqui é o primado da autoagressão sobre a heteroagressão e essa autoagressão é a consequência do primado absoluto da tendência considerada como a forma mais radical do princípio do prazer. A tendência do ser humano a reproduzir seus estados primeiros está relacionada a uma força universal que ultrapassa o campo psicológico e até mesmo o vital. É uma força regressiva que tende levar o vital ao inanimado. Diz respeito ao

que há de mais “pulsional” na pulsão. É o Nirvana no seu sentido de abolição de toda pulsão. Porém, mesmo quando a pulsão de morte, ou a tendência à destruição tanto de si próprio como do outro, aparece em muitos casos, é possível que nesta manifestação esteja sempre presente uma manifestação libidinal, podendo ser voltada para o objeto ou para o próprio sujeito (narcísica). Em *Luto e melancolia*, de 1917, e em *O mal-estar na civilização*, de 1930, Freud declara que a pulsão de morte se subtrai à percepção quando não é colorida de erotismo. Em *O Ego e o id*, de 1923, Freud comenta sobre essa questão da seguinte forma:

Mas uma vez fazemos a experiência de que as moções pulsionais, quando podemos traçar o seu percurso, se revelam como ramificações do Eros, se não fossem as considerações salientadas em “Além do princípio de prazer” e, por fim, as contribuições do sadismo para o Eros, ser-nos-ia difícil manter a nossa concepção dualista fundamental (FREUD, 1923, p. 25).

Até aqui discutimos a respeito das manifestações da pulsão de morte articuladas às pulsões sexuais, como no masoquismo e no sadismo. Porém, Freud em *O mal-estar na civilização*, dez anos após ter escrito o artigo de 1920, falará na autonomia da pulsão de morte, compreendida como pulsão de destruição. Freud assinala que não se trata de uma reformulação da teoria das pulsões, mas apenas de conceder maior relevo a uma transformação que já havia operado há muito tempo, algo que teve início em *Além do princípio do prazer*, mas cujas origens podem-se remontar à introdução do conceito de narcisismo. Garcia-Roza, em *O mal radical em Freud*, afirma que Freud ao reconhecer a autonomia da pulsão de morte, totalmente independente da sexualidade, consequentemente reconhece o mal essencial, irreduzível e inerente ao ser humano.

Não se trata mais de uma sexualidade que, regida pelo princípio de prazer lança mão da agressividade para atingir seu objetivo, mas sim de uma disposição pulsional autônoma, originária do ser humano (GARCIA-ROZA, 1990, p. 134).

Ainda sobre o caráter autônomo da pulsão de morte, é em *O mal-estar na civilização* que Freud dará maior ênfase sobre este aspecto, afirmando que a sociedade se encontra constantemente ameaçada pelo perigo da desintegração causada pelas tendências destrutivas do ser humano. Assombrado e muito pessimista quanto aos rumos da humanidade, Freud cada vez mais aposta na hipótese da pulsão de morte, interpretando também os fenômenos clínicos e, por fim, relacionando todos os desejos não só destrutivos, como os sexuais, ao desejo de morte, já que ela é definida como o que há de mais pulsional.

O conceito de pulsão de morte não foi aceito por muitos teóricos psicanalíticos. A necessidade deste conceito foi e continua sendo contestada, principalmente por ter sido o próprio Freud que observou que esta noção era produto de uma especulação teórica e eram manifestações silenciosas, sendo assim difícil de investigar-lhe a existência. Assim, muitos autores interpretam os fatos clínicos sem recorrerem à pulsão de morte.

A construção do conceito de pulsão na obra freudiana apresenta vários rearranjos e modificações, o que dificulta uma compreensão global como também uma apresentação detalhada e clara do conceito. Trata-se de invenções e foi isso que Freud melhor conseguiu em seu trabalho: inventar conceitos. Essa deve ser a primeira tarefa na tentativa de se compreender o conceito de pulsão de morte, percorrer na bibliografia os caminhos trilhados por Freud onde sua mitologia, a pulsão, foi construída. Além da tarefa teórica existe também o aspecto clínico que se apresenta sempre associado ao trabalho teórico, associação esta jamais negligenciada por Freud. Compreender melhor como Freud chegou a postular a pulsão de morte é compreender também como sua produção teórico-prática funcionava. O pensamento freudiano, em sua essência, não distingue o que é do âmbito teórico ou do prático, pois sua experiência clínica estava sempre associada à construção intelectual.

São muitos ainda os mistérios suscitados por esta noção, o que não deveria ser motivo para desistência investigatória nem muito menos para argumentação contrária sem fundamentos mais consistentes. Ainda que diante de tantos mistérios a pulsão de morte deve ser um conceito provocativo na tentativa de ampliar os questionamentos em torno dos fenômenos destrutivos e do sofrimento humano.

CORRÊA, Sandra Lourenço. The death drive in Freud: the paradox of life. **Avesso do Avesso**, Araçatuba, v.7, n.7, p. 62 – 89, outubro, 2009.

Abstract: The present developed work is an attempt to explore the ways that conducted Freud to the postulation of the death drive concept, investigating first the origin of the concept from the drive theory inserted in a general formality that organizes, in an ampler system, the interaction of the psychic processes. After that, there is the necessity to investigate the hypothesis of a primary tendency of the organism to a complete reduction of tensions, where Freud intends to give account of the basic dualism, translated in the opposition between life and death drives, of the compulsion phenomena to the repetition, of the aggressiveness origin, standing out the primacy of the self-aggressiveness over the hetero-aggressiveness. Although Freud himself had said that this idea was the product of a theoretical speculation and that with the quiet manifestations of death drive and its vicissitudes, he found serious difficulties in the inquiry of its existence, it's impossible to deny the importance of this concept for the analysis of the human behavior.

Key-words: Drive. Sexuality. Death drive. Masochism. Sadism.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.335-468. v. I.

_____. Três ensaios sobre sexualidade (1905). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-231. v. VII.

_____. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XI.

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 233-244. v. XII.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 77-108. v. XIV.

_____. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-144. v. XIV.

_____. Luto e melancolia (1917). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-266. v. XIV.

_____. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-75. v. XVIII.

_____. O ego e o id (1923). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-80. v. XIX.

_____. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 175-188. v. XIX.

_____. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 67-148. v. XXI.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente.** Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

_____. **Acaso e repetição em psicanálise:** uma introdução à teoria das pulsões. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____. **O mal radical em Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

GREEN, A. et al.. **A pulsão de morte.** São Paulo: Escuta, 1988.

LAPLANCHE, J. ; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.